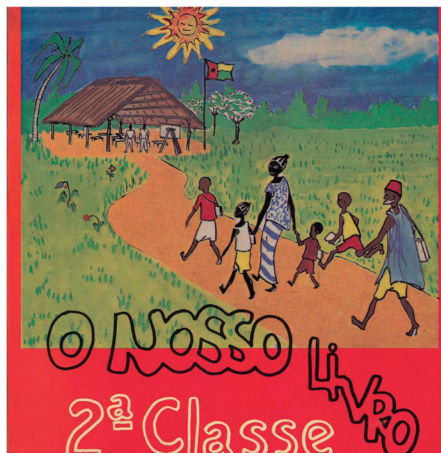


# PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

Nº 17 - 2023



## Robert Rowland: um testemunho

---

Francisco Bethencourt

*Práticas da História*, n.º 17 (2023): 295-303

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

# Robert Rowland: um testemunho

Francisco Bethencourt\*

Robert Rowland (São Paulo, 1945-Lisboa, 2023). Farei um pequeno resumo da sua carreira universitária, em parte conhecida, seguido das circunstâncias do contacto e do trabalho que desenvolvi com ele. O impacto do Robert na academia portuguesa e a influência das suas ideias e dos seus métodos serão abordados ao longo deste percurso. Trata-se de um testemunho pessoal, com tudo o que implica de subjetividade.

A primeira reflexão diz respeito à sua condição de descendente de emigrantes ingleses no Brasil, que para lá foram trabalhar na instalação do caminho de ferro. A sua educação em Inglaterra na escola privada e depois na Universidade de Cambridge explica a pluralidade de identidades que acumulou ao longo da vida, dada a origem brasileira que ficou sempre bem arreigada e a experiência escolar inglesa que deixou marcas de comportamento visíveis em alguma reserva combinada com clareza de procedimentos. A estada prolongada em Portugal – onde acabou por viver a maior parte da vida – e os dois períodos em Itália criaram outras camadas de uma identidade complexa.

O Robert poderia ter vivido em qualquer parte do mundo, sentindo que fazia parte mas mantendo um mínimo de distância. Não era homem para dar pancadinhas nas costas e prometer coisas que não iria cumprir; guiava-se por princípios e para mim foi de leitura fácil e trata-

\* Francisco Bethencourt (francisco.bethencourt@kcl.ac.uk). King's College London, Strand, London, WC2R 2LS, Reino Unido.

mento amigável desde que nos conhecemos. Venho de uma família que trabalhou, tanto do lado paterno como materno, em empresas inglesas na ilha da Madeira; conheço bem aquela reserva de comportamento e sinto-me bem com ela. A criação de laços de amizade entre mim e o Robert resultou de anos de troca intelectual onde a consideração e a estima pessoal se consolidaram.

A segunda reflexão concentra-se na educação académica. A formação clássica levou-o, muito novo, à edição de poemas de Catulo e à análise da obra de Horácio, mas o interesse pela antropologia revelou-se cedo, no regresso ao Brasil para estudar a poesia oral nordestina, concretamente os cantadores de viola, mas também a literatura de cordel. Esta experiência foi seguida pelo trabalho de campo na Puglia, em Itália, sobre formação social e ação política local, base da sua tese de mestrado. O início da atividade profissional em Inglaterra, onde esteve ligado à escola de estudos europeus da Universidade de East Anglia entre 1970 e 1975, conduziu a uma primeira articulação entre história social e antropologia, que iria marcar a sua vida académica. Em 1973, durante seis meses, estudou a revolução de 1930 no Brasil numa missão de pesquisa no CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planeamento).

Em 1975, a experiência interdisciplinar na Universidade de East Anglia fracassou e o Robert decidiu mudar-se para Portugal, provavelmente por motivos familiares – estava casado com uma portuguesa, a Helena Abreu – e começou por ensinar história económica na Faculdade de Economia do Porto. Daí passou para o ISCTE, ainda nos anos de 1970, onde fundou o Departamento de Antropologia, tendo sido convidado a organizar o Núcleo de Sociologia Histórica no Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras.

Não será excessivo dizer que Robert Rowland atingiu o topo do estabelecimento académico português num prazo de cinco anos. A explosão da universidade portuguesa a seguir à revolução necessitava de atualização urgente de conhecimentos. A distância entre o que se ensinava em Portugal antes do 25 de Abril e o que se ensinava lá fora era abismal. Como diz o meu amigo David Nirenberg, é tudo uma questão de estar no momento certo no sítio certo. O Rowland trouxe consigo

o conhecimento atualizado das ciências sociais, sobretudo da antropologia, mas também da demografia histórica, que conhecia então o seu período de expansão. Foi nesta área que o impacto dos seus conhecimentos mais se fez sentir.

A terceira reflexão vira-se para o desenvolvimento da pesquisa académica e a criação do trabalho de equipa. Foi justamente quando ele estava a constituir o Núcleo de Sociologia Histórica que me cruzei com ele, creio que em 1980, quando estava a entrar no último ano do curso de História na Faculdade de Letras de Lisboa. Tinha ouvido falar da iniciativa, pedi-lhe uma reunião e apresentei-lhe um projeto de criação de uma base de dados sobre a Inquisição em Portugal. Imediatamente aceitou, entusiasmado com as potencialidades do projeto. Comecei a trabalhar no Instituto Gulbenkian de Ciência em setembro de 1981, imediatamente a seguir a completar a licenciatura. O Brian O’Neil e o João Pina Cabral também lá se encontravam, tivemos excelentes conversas, foi uma imersão na bibliografia fundamental da antropologia e da demografia histórica, deu-me uma base de conhecimento e de método nas ciências sociais.

O Robert estava a fazer a sua própria pesquisa sobre a história da população e da família em Portugal. Convidou o Alan MacFarlane e em seguida o Robert Smith, do Cambridge Group for Population History criado pelo Peter Laslett, para dirigirem seminários no IGC. Veio também o David Reher que estava a fazer um trabalho paralelo sobre a demografia histórica espanhola. Lembro-me do debate sobre os sistemas familiares europeus, cujo esquematismo (família nuclear baseada em casamento tardio no Norte, família troncal e extensa no Sul, família extensa no Leste) o Robert questionava, acabando por provar ser errado, mostrando a inversão do modelo e a diversidade de estruturas no caso de Portugal e da Península Ibérica, onde a família nuclear predomina historicamente no Sul, enquanto o Norte concentra a família troncal. As pesquisas de Brian O’Neil sobre Trás-os-Montes e de João Pina Cabral sobre o Minho contribuíram para colocar em bases completamente novas a visão dos sistemas familiares.

Enquanto Robert Smith foi confrontado com investigação que desatualizava o seu modelo de estruturas familiares adaptado do Hajnal,

Alan MacFarlane falava da sua metodologia de estudos comunitários que tinha influenciado o Robert. Foi-me útil quando o levei para a Torre do Tombo e lhe mostrei processos da Inquisição. Na altura tinha uma ficha estruturada de levantamento de dados para cada processo, mas MacFarlane insistiu para eu quantificar o tempo médio gasto com cada processo de maneira a homogeneizar procedimentos e torná-los mais eficazes. O resultado destas experiências foi a valorização do trabalho de equipa, o confronto com investigadores séniores envolvidos em trabalho inovador, o reconhecimento que a pesquisa tem impacto internacional se é conduzida com os melhores métodos.

A quarta reflexão tem que ver com a bonomia de relações interpessoais e o profissionalismo da relação com estudantes e colegas. Antes de conhecer o Robert, eu tinha feito amizade com o Joaquim Romero Magalhães na Torre do Tombo e conhecera, através dele, o Vitorino Magalhães Godinho, apostado em criar um núcleo de estudos interdisciplinares no Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Passei para lá em setembro de 1982, mas as relações cordiais com o Robert não foram beliscadas. Ele compreendeu que eu precisava de me desenvolver num meio de historiadores e sociólogos, na altura uma das melhores equipas existentes.

A minha escolha da tese de mestrado sobre a magia em Portugal no século XVI, baseada em cem processos da Inquisição, foi influenciada pelas leituras e conversas no IGC. Quando se tratou de fazer a tese de doutoramento tornou-se evidente que devia fazê-la no estrangeiro, onde podia aprender mais. Entre parêntesis, devo esclarecer que a carreira universitária portuguesa ocorria num período especial: dada a escassez de pesquisadores com doutoramento, o estatuto publicado pelo ministro da Educação Sottomayor Cardia admitia a contratação de licenciados com um prazo fixo para fazerem as teses de mestrado e de doutoramento.

Tinha feito visitas de estudo a Paris, onde trabalhara com o Jean Delumeau e o Roger Chartier, pelo que excluí essa opção, já conhecia o meio ambiente, acabei por optar pelo Instituto Universitário Europeu de Florença, que fornecia excelentes condições e onde o Robert Rowland

fora recentemente seleccionado como professor do Departamento de História. O Robert tinha estado envolvido no desenvolvimento de um primeiro programa de base de dados para historiadores concebido por Manfred Thaler e tinha publicado artigos decisivos sobre sistemas familiares e regimes demográficos na Península Ibérica. A promessa de introduzir a demografia histórica e os novos métodos das ciências sociais no Instituto Universitário Europeu foi muito bem recebida e deu frutos.

Escolhi o Robert como orientador do doutoramento pois sabia que podia contar com o seu apoio criativo, com perguntas pertinentes, sem se imiscuir no meu itinerário de pesquisa. Assim aconteceu: aceitou que eu abandonasse cedo a ideia de um doutoramento sobre a Inquisição portuguesa em favor de um projeto comparado, apoiou o sucessivo alargamento do projeto, questionou os pressupostos e fez as perguntas pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa. Mais: lia regularmente os meus esboços de capítulos e dava resposta em tempo útil, coisa na altura rara em Portugal – a ideia que o ensino tem de ser estruturado em função dos estudantes ainda não tinha chegado. Lembro-me que a minha tese de mestrado ficou seis meses fechada num armário na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas sem que ninguém se ralasse com isso.

A tese de doutoramento foi discutida com Carlo Ginzburg, Jacques Revel, Bartolomé Bennassar, Joaquim Romero Magalhães e Robert. Curiosamente, Carlo Ginzburg tinha pouco a dizer e não perdeu muito tempo com a leitura, tive de o corrigir várias vezes, Jacques Revel estava fora da sua zona de especialidade, o Romero Magalhães deu um excelente contributo sobre o contexto português, e Bartolomé Bennassar, que tinha revolucionado a história da Inquisição em Espanha, acabou por fazer a arguição decisiva sobre a novidade da tese e a sua dimensão comparativa, sugerindo logo a seguir a publicação a editores franceses nos termos mais entusiásticos. Foi nessa altura que conheci o Kirti Chaudhuri, então na assistência, que gostou da minha defesa; ficámos amigos para a vida. Não esqueço a festa dada pelo Robert e a Helena nos jardins da sua casa, uma manifestação de amizade rara.

A quinta reflexão tem que ver com o desenvolvimento das relações pós-doutoramento. Tenho observado casos de competição implícita en-

tre ex-orientadores e novos colegas que se tornam tóxicos. Com o Robert, nada disso se passou: ele estava bem na sua pele, não duvidava da qualidade da sua pesquisa, não precisava de o dizer aos quatro ventos, não estabelecia relações de concorrência com outras pessoas.

Quando organizei a *História da Expansão Portuguesa* com o Kirti Chaudhuri contactei o Robert e propus-lhe que fizesse os capítulos sobre a emigração para o volume respeitante ao século XIX. Aceitou com toda a benignidade e entregou no prazo estabelecido três capítulos soberbos, entre os melhores da obra (não me posso queixar, tive ótima colaboração). Regressou ao problema da emigração para o Brasil e mostrou como a maior parte da emigração resultava não de pobreza, mais significativa no Sul, mas de modelos familiares troncais do Norte cuja maioria dos descendentes eram excluídos do acesso à terra.

Discuti com ele os estudos de história da emigração, nomeadamente o longo artigo do Magalhães Godinho, que ele achava excelente. Aliás, quando o nome de Magalhães Godinho estava a ser considerado para o Prémio Balzan (o Nobel dos historiadores, com o qual foi distinguido) e o Departamento de História do Instituto Universitário Europeu foi consultado, ele, Robert, manifestou o seu apoio. Com a minha partida para Paris em 1999 e depois para Cambridge em 2004 fiquei sem ver o Robert por longos períodos, mas nunca perdermos a ligação. Cruzámo-nos várias vezes, inclusive em júris de prémios em ciências sociais, e verifiquei que as nossas opiniões eram largamente convergentes.

Quando resolvi desenvolver a minha pesquisa em torno dos cristãos-novos de origem judaica lembrei-me de um artigo do Robert publicado numa obra coletiva sobre os judeus nas Américas, resultado de um colóquio onde não pude participar. Na altura da publicação tinha-me apercebido da novidade da abordagem: tratava-se da primeira análise demográfica séria da miscigenação entre cristãos novos e cristãos velhos em Portugal. Quando regresssei ao artigo verifiquei que continuava a ser único, não havia nada que se comparasse e levantava um problema crucial, pois contestava a ideia feita e repetida até hoje da endogamia dos cristãos-novos. Para além disso, estabelecia um paralelo inteligente entre a caça às bruxas e a caça aos cristãos novos. É verdade que

muitos cristãos novos emigraram e criaram comunidades sefarditas em diversos lugares do mundo, o que significa que o cripto-judaísmo não era inventado, mas a escala da perseguição – calculo à volta de 24 000 processos da Inquisição apenas em Portugal contra cristãos novos de origem judaica – não pode deixar de ser interrogada, pois a vasta maioria decidiu permanecer na Península Ibérica.

Se tivesse de resumir num parágrafo o impacto que o Robert Rowland teve no meu trabalho, diria que aguçou o meu interesse pela antropologia e a demografia histórica, contribuiu para a integração de métodos oriundos dessas áreas no meu trabalho de pesquisa, reforçou a minha análise comparativa, estimulou a minha ambição intelectual mostrando como todos podemos intervir de forma criativa na solução de problemas históricos e das ciências sociais. Ainda hoje considero básico para qualquer pesquisa ou lição académica saber com que população estamos a lidar. Tive com ele boas discussões teóricas e aprendi as vantagens da organização do trabalho de equipa, como aconteceu no IGC. Infelizmente, a carreira universitária em humanidades não é conducente ao trabalho de equipa, mas nas ocasiões em que pude participar, sobretudo como consultor dos grandes projetos dirigidos pela Cátia Antunes, em Leiden, ou pela Margarida Calafate Ribeiro e pelo Roberto Vecchi, em Bolonha e Coimbra, pude observar as vantagens.

Deixei para o fim uma reflexão mais consistente sobre o trabalho do Robert Rowland. Ele seguiu o modelo das ciências sociais com preferência por artigos de investigação. A ideia era discutir modelos de conhecimento e apresentar resultados de pesquisa que os poderiam contestar e transformar. Publicou em 1987 um pequeno livro brilhante intitulado *Antropologia, história e diferença*, no qual refletiu sobre interdisciplinaridade, teoria e métodos em ciências sociais e humanas, incluindo práticas e exemplos de investigação. O livro teve três edições em dez anos. Sublinho a integração da ideia de diferença, trabalhada recentemente por Jacques Derrida, que abriu caminho para a perceção da pluralidade de signos, significantes e significados determinados por interrelações. Colaborou com obras coletivas internacionais sobre história da demografia, destaco a sua participação nos volumes organizados



por Jacques Dupâquier, e sobre história da bruxaria, nomeadamente no volume organizado por Bengt Ankarloo e Gustav Henningsen, para o qual sugeriu a minha contribuição.

Robert publicou *População, família e sociedade: Portugal, séculos XIX-XX*, onde desenvolveu de forma coerente artigos sobre a história da população e dos sistemas familiares em Portugal. Discutiu aí a historiografia recente sobre demografia, confrontando os principais problemas e introduzindo as contribuições que permitiam alcançar uma visão mais complexa dos regimes demográficos, dos sistemas familiares e dos modelos de herança na Europa. O caso português surgiu pela primeira vez claramente analisado e integrado numa perspetiva comparativa, que mostrava a sua diversidade regional, evolução específica e contribuição para pôr em questão os modelos do Cambridge Group. O impacto da sua pesquisa passou pela promoção da análise de registos paroquiais (batismo, casamento e morte) e róis de confessados a nível local, base de qualquer análise demográfica, tendo procedido igualmente à análise dos censos da população disponíveis em Portugal nos séculos XIX e XX. Este método foi fundamental para aceder a uma visão de conjunto e refletir de forma retrospectiva sobre os sistemas familiares do passado.

Os três longos capítulos que o Robert Rowland redigiu para a *História da expansão portuguesa* produziram uma análise sólida e inovadora da história da emigração vista do duplo ponto de vista da origem e do destino, fatores de saída e fatores de atração nos dois polos da relação. Refletiu sobre a história da população e da propriedade, os sistemas de herança e o mercado de trabalho em Portugal, bem como sobre a passagem do trabalho escravo ao trabalho assalariado no Brasil. O quadro regional das saídas e as respetivas causas, os projetos dos portugueses no Brasil, as suas ocupações predominantes e as remessas produzidas, bem como a competição com outros grupos importantes de emigrantes, sobretudo os italianos e espanhóis, foram assuntos abordados. Agora que voltei a ler esses capítulos fiquei com a ideia clara que o Robert aproveitou aquela oportunidade para propor uma análise de conjunto dos problemas demográficos de Portugal e do Brasil.

Não quero sugerir que o Robert revolucionou a história da demo-

grafia em Portugal sozinho, pois convergiu com outros historiadores e antropólogos que participaram da mesma vaga, mas contribuiu decisivamente para a reflexão sobre teoria e métodos, tendo estabelecido uma ligação eficaz com o debate internacional. Teve um impacto inegável na nova geração, tendo inspirado pesquisa inovadora nas várias universidades e centros de investigação onde trabalhou. Deu um exemplo de formas produtivas de trabalho coletivo e de princípios de funcionamento que deixaram marca. Finalmente, deixou um legado de abertura e discussão com respeito pela diversidade de opiniões, norteado pelo progresso do conhecimento, que nos devia inspirar nos dias de hoje.

**Referência para citação:**

Bethencourt, Francisco. “Robert Rowland: um testemunho”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 17 (2023): 295-303. <https://doi.org/10.48487/pdh.2023.n17.34379>.